Tema 2 - *Whatsapp* e processos educativos **Conversas ubíquas via *Whatsapp*: ambiências formativas multirreferenciais**

Rosemary dos Santos
Felipe da Silva Ponte Carvalho
Tânia Lúcia Maddalena

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, R., CARVALHO, F.S.P., and MADDALENA, T.L. Conversas ubíquas via *Whatsapp*: ambiências formativas multirreferenciais. In: PORTO, C., OLIVEIRA, K.E., and CHAGAS, A., comp. *Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons* [online]. Salvador: Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017, pp. 193-214. ISBN 978-85-232-2020-4. <https://doi.org/10.7476/9788523220204.0011>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CONVERSAS UBÍQUAS VIA *WHATSAPP*: AMBIÊNCIAS FORMATIVAS MULTIRREFERENCIAIS

Rosemary dos Santos – UERJ

Felipe da Silva Ponte Carvalho – UERJ

Tânia Lúcia Maddalena – UERJ

Introdução

De acordo com o Balanço Huawei de Banda Larga (CORTEZ, 2013), pesquisa realizada em 2012, as conexões móveis no Brasil chegaram aos 65,7 milhões. Assim, com a comunicação cada vez mais móvel e menos confinada em lugares fixos, os fluxos de signos e de linguagens se aceleram, afetando nossos processos cognitivos, afetivos e nosso modo de viver (SANTAELLA, 2007).

Um estudo publicado em janeiro de 2015 pelo eMarketer (REDAÇÃO, 2015), posiciona o Brasil como o país com o maior número de usuários de *smartphones* na América Latina. São, ao todo, cerca de 38,8 milhões de usuários, com projeção de 71,9 milhões nos próximos três anos. O Brasil ocupa ainda, segundo este mesmo estudo, a sexta posição em um ranking com 25 mercados ao redor do mundo, como China, Estados Unidos, Japão, Índia e Rússia. Em outra pesquisa, publicada pela ETC (REDAÇÃO, 2014), em maio de 2014, no Brasil 40% dos usuários se conectam por meio da Internet móvel, utilizando-a para diferentes fins: pesquisas, usos de redes sociais, games, compras on-line e usos do

WhatsApp, que segundo pesquisa no Estadão (TOZETTO, 2016) em 2016, superou 1 bilhão de usuários em todo o mundo.

O aplicativo *WhatsApp* foi criado em 2009 por Jan Koun (EFE, 2014) e o site oficial¹ o descreve como um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular.

Para utilizar o aplicativo, o usuário precisa realizar seu *download* em um *Smartphone*, disponível para sistemas operacionais como *Android* (Google), *iOS* (Apple), *BlackBerry OS*, *Symbian*, *Windows Phone* e *Nokia*, e vincular sua conta a um número do telefone. Uma vez dentro do aplicativo, podem-se inserir informações pessoais em um perfil, tais como nome, foto e status. As interações no *WhatsApp* podem ser realizadas entre duas ou mais pessoas. Em casos de três ou mais participantes que realizam uma troca de mensagens contínua, a ferramenta permite a criação de um *Grupo*, que pode ser identificado por um nome e uma imagem (ambos editados pelo administrador deste grupo). Para o envio de uma mensagem simultânea para diferentes contatos, o sistema disponibiliza a opção *Lista de Transmissão*, geralmente utilizada para o envio de mensagens pontuais.

Figura 1 – Tela do *WhatsApp*

Fonte: <https://www.whatsapp.com/> (2015).

1 Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/>>. Acesso em: nov. 2015.

Na opção *Conversas*, o usuário tem acesso ao registro de todas as interações com sinalizações de quem enviou a mensagem, quando (horário ou dia), além de um pequeno excerto da última mensagem enviada. Ao acessar uma das conversas (seja com uma pessoa específica ou com um grupo), o usuário pode interagir com seus contatos, utilizando diferentes recursos do sistema, como textos, fotos, imagens, emoticons e vídeos armazenados na memória do *Smartphone* ou produzidos de forma síncrona à conversação.

Os usos dos dispositivos móveis pelos praticantes² culturais têm surgido como uma busca de alternativas para a produção de outros conhecimentos e de outras práticas nas diversas redes educativas. E como pensarmos essas práticas a não ser pelas narrativas desses praticantes? É preciso ouvir o que eles têm a dizer nestes tantos *espaçostempos*³ dos quais fazem parte.

Para Santos (2011), a mobilidade é a capacidade de tratar a informação na dinâmica do movimento humano, na cidade e no ciberespaço, simultaneamente, por meio de interfaces que protagonizam essa dinâmica, por meio dos dispositivos móveis que podem mapear, acessar, manipular, criar, distribuir e compartilhar informações e conhecimentos em qualquer tempo.

Ao trazer as conversas do *WhatsApp* como dispositivos de pesquisa, conforme discutiremos a seguir, percebemos que há pos-

2 Este termo é utilizado por Certeau (2009) para aqueles que vivem e envolvem-se dialogicamente com as práticas do cotidiano. Iremos utilizá-lo neste trabalho por concordarmos com o termo utilizado pelo autor: “o enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento”. (CERTEAU, 2009, p. 63).

3 Adotamos o uso dos termos *espaçostempos*, *fazeressaberesfazeres*, *dentrofora*, entre outros, escritos de forma diferenciada, pois nos inspiramos no referencial teórico de Alves (2008) sobre as pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Para a autora: “A junção de termos e a sua inversão, em alguns casos, quanto ao modo como são ‘normalmente’ enunciados, nos pareceu, há algum tempo, a forma de mostrar os limites para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, do modo dicotomizado criado pela ciência moderna para analisar a sociedade” (ALVES, 2008, p. 11).

sibilidade de maior interação entre subjetividades próprias dos praticantes pesquisados. É isso o que nos interessa como possibilidade de olhar as práticas que acontecem cotidianamente, uma aproximação, uma espécie de mergulho que nos permitem perceber os deslocamentos desses *espaçostempos* em que as pessoas têm dinamizado a produção de enunciados sobre lugares e acontecimentos, expressando diferentes perspectivas sobre o mundo.

A Ciberpesquisa-formação multirreferencial e seus dispositivos

Este estudo desenvolveu-se com os cotidianos do(a)s cursistas e um docente-pesquisador da disciplina Informática na Educação, do curso de licenciatura em Pedagogia, pela UERJ/CEDERJ/UAB, mediado pela plataforma *Moodle*, durante o semestre de 2014/02. A disciplina foi ofertada em doze polos localizados em Municípios do Estado do Rio de Janeiro.

Para essa pesquisa, optamos em nosso fazer ciência pela “epistemologia da multirreferencialidade” (ARDOINO, 1998), que é voltada para compreensão dos fenômenos humanos sob múltiplos pontos de vista e que não se reduzem uns aos outros. Esse fazer ciência nos ajuda na compreensão das práticas e relações que são estabelecidas no cotidiano de pesquisa.

Ao optar por essa epistemologia e pelo método da ciberpesquisa-formação (SANTOS, 2005), reafirmamos que esta é uma opção política e faz contraponto aos pressupostos teóricos positivistas, tão sedimentados no campo educacional. Segundo Ardoino (1998), o surgimento da multirreferencialidade está ligado ao reconhecimento da complexidade e da heterogeneidade inerentes às práticas educativas, sempre na perspectiva de uma pluralidade de olhares e linguagens, reconhecidas como necessárias à compreensão do fenômeno complexo que é a Educação.

Martins (1998) afirma que o conhecimento construído a partir da multirreferencialidade é um conhecimento inacabado e da falta. Ele é efetuado com uma “atividade artesanal”, como uma bricolagem. E o pesquisador deve ter uma postura aberta. Martins (1998, p. 28) ratifica ainda: “esta perspectiva traz em si mesma (como implicação) uma visão de mundo propriamente cultural e requer uma compreensão hermenêutica da situação em que os sujeitos aí implicados interagem intersubjetivamente”.

A multirreferencialidade é uma epistemologia das correntes das práticas, proporciona a compreensão de múltiplas maneiras de pensar e de habitar o mundo, nas quais redes de significados são tecidas e ampliam-se os repertórios culturais por meio de dispositivos e de “espaços multirreferenciais de aprendizagem” (BURNHAM, 2012).

A noção de “dispositivo” utilizada por nós é definida por Ardoino (2003, p. 80) como “a organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto”. Para o autor, o dispositivo de pesquisa está sempre implícito ou explícito em todo método de investigação e que todo trabalho de pesquisa deve deixar explicitado o dispositivo que é acionado pelo pesquisador ou pelos pesquisados, pois embora sustentemos a ideia de que os dispositivos são acionados no campo pelo pesquisador em seu processo da pesquisa, acreditamos também que estes podem emergir durante o devir da pesquisa, seguindo os rastros, imersos no campo, no diálogo com os praticantes culturais pela característica e dinâmica do próprio campo.

Nesta ciberpesquisa-formação, nos inspiramos na ideia de que o dispositivo de ciberpesquisa-formação é um instrumento capaz de captar singularidades, pluralidades, objetividades e subjetividades de uma realidade em uma pesquisa. Para Macedo (2009), a pesquisa é, acima de tudo, uma aventura pensada, implicada com conhecimento historicamente acumulado e também um imaginário em criação. Ela é produzida numa comunidade de argumentos

e existe para provocar alterações, turbulências, inacabamentos, relações instáveis, consensos não resignados.

Uma das autorias mais importantes da ciberpesquisa-formação é o reconhecimento das interfaces interativas e das redes sociais como dispositivos materiais e/ ou intelectuais para o pesquisador da contemporaneidade. Em sua tese de doutorado (SANTOS, 2015), pesquisou os grupos de pesquisa on-line onde professores-formadores sistematizaram ambiências formativas, articulando o espaço da universidade e das redes sociais, criando redes de docência e aprendizagem. Como dispositivos de pesquisa, a autora lançou mão das conversas e da participação nos grupos de pesquisa com a intenção de vivenciar práticas interativas próprias da cibercultura. Inspirados em sua pesquisa, iremos problematizar algumas ambiências disparadoras de conversas, desta vez utilizando o aplicativo *WhatsApp* na pesquisa de mestrado *Atos de currículo na educação online* (CARVALHO, 2015).

Ambiências disparadores de conversas: bricolando dispositivos

Compreender o sentido de “espaços de aprendizagem” é um passo necessário para entender os espaços multirreferenciais de aprendizagem (SANTOS, 2005) tomados por nós como fundamental para apresentar nosso campo de pesquisa. Os autores que trabalham com a multirreferencialidade partem do seguinte pressuposto: o ser humano é multirreferencial em sua essência, isto é, *o eu é composto da relação com o outro. Esse fundamento sustenta o arcabouço teórico dos espaços multirreferenciais de aprendizagem e da bricolagem de dispositivos.*

No campo da pesquisa educacional, Kincheloe (2006) seguiu um raciocínio semelhante ao conceituar a bricolagem como um modo de investigação que busca incorporar diferentes pontos de

vista a respeito de um mesmo fenômeno. Em trabalho posterior, Kincheloe (2007) ampliou essa definição ao dizer que bricolagem é uma forma de fazer ciência que analisa e interpreta os fenômenos a partir de diversos olhares existentes na sociedade atual, sem que as relações de poder presentes no cotidiano sejam desconsideradas. Certeau (2009) e Kincheloe (2007) argumentam que a bricolagem rejeita as diretrizes e roteiros preexistentes, para criar processos de investigação no devir da pesquisa.

Na “Aula 3 – Escrita colaborativa”, exposta na Figura 2, organizada na plataforma *Moodle*, foram acionados três fóruns: (a) “Achados e perdidos” – para ajudar os cursistas a sanarem seus dilemas e dúvidas em relação à atividade; (b) “Navegar é preciso” – para formação de grupo, com até cinco participantes; (c) “Nossas wikis” – para o compartilhamento dos textos (wikis) criados coletivamente pelos cursistas.

Os dispositivos acionados para aula 3 foram usados com a intencionalidade de: (a) possibilitar maior imersão dos praticantes nos ambientes *online*, seja em trabalhos individuais ou em grupos; (b) explorar a autoria coletiva por meio de outros ambientes virtuais de aprendizagem; e (c) intercambiar trocas de conhecimento e experiências entre polos distintos por meio de conversas.

Figura 2 – Aula 3 – Escrita colaborativa em atos de currículo

Fonte: Carvalho (2015).

A escolha pelos fóruns decorre da necessidade de criar espaços para promover conversas elaboradas e densas, para que o(a)s praticantes pesquisado(a)s exponham suas reflexões, tragam seus dilemas, inquietações, práticas e experiências no partilhar coletivo, discutindo uns com os outros, confrontando suas certezas e (re) construindo outras em vista do novo que se apresenta, que afeta e altera. Galvão, Fuks e Pimentel (2014) tencionam essa discussão ao dizer que o fórum é um meio de conversação assíncrono para a discussão entre muitos interlocutores que trocam mensagens de texto elaboradas, organizadas em tópicos, é usado para a conversação em grupo e requer que os interlocutores mobilizem discussão com mais profundidade.

A *Wikispaces* é uma plataforma educacional voltada à prática educativa, fundada em 2005, na qual a docência pode se inspirar, planejar e gerenciar as atividades com os alunos. Possibilita a criação de ambientes para trabalhos em grupos, com no máximo de cinco integrantes (um administrador, que é responsável por convidar os demais participantes para entrar no grupo, e mais quatro participantes). Para ajudar os estudantes na realização da atividade proposta para “Aula 3 – Escrita colaborativa!”, criamos tutoriais sobre *Wiki* e em relação à plataforma *Wikispaces*⁴, que estão hospedados nas interfaces do *Slideshare*⁵ e *Slidebom*⁶.

No decorrer dessa aula e para nossa surpresa, o(a)s cursistas começaram a disponibilizar seus números de telefones no “Fórum Navegar é preciso”, principalmente para formarem grupos pelo aplicativo para celular *WhatsApp*, para discutir a atividade proposta, ou seja, acionaram o dispositivo de pesquisa que depois foram usados pelo pesquisador. Com o objetivo de compreender esse movimento dos (as) cursistas, compartilhamos nossos números de

4 Disponível em: <https://www.wikispaces.com/content/classroom>. Acesso em: 21 nov. 2015.

5 Disponível em: <http://pt.slideshare.net/?ss>. Acesso em 14.11.2015.

6 Disponível em: <http://pt.slideshare.net/?ss>. Acesso em 14.11.2015.

telefones também. Após nos adicionarem aos grupos criados, pedimos licença e perguntamos se poderíamos usar as conversas tecidas pelo aplicativo na pesquisa acadêmica. Todos os participantes dos grupos autorizaram o uso de suas falas.

O acionamento desse dispositivo nos remete ao pensamento Macedo (2009) quando salienta que os dispositivos de pesquisa não podem significar algo eterno, fixado de uma vez por todas, mas que devem ser construídos dentro de um dinamismo, movimento, algo se fazendo. “Uma espécie de método aberto, que nos coloca em ato” (MACEDO, 2009 p. 110).

Conversas como dispositivos de pesquisa

Conversa, roda de conversa, grupo focal, entrevista estruturada ou semiestruturada, questionário aberto, semiaberto ou fechado, aulas são alguns dos “recursos” (BATISTA; BERNARDES; MENEGON, 2014) ou “dispositivos” (ARDOINO, 2003; MACEDO, 2010) usados em métodos de pesquisa para disparar, promover, obter e cocriar narrativas e imagens no cotidiano da pesquisa. Tendo em vista esses diversos dispositivos ou recursos, optamos por usar a conversa na pesquisa acadêmica. Assim como Alves (2003), preferimos o termo “conversa” ao termo “entrevista”, pois o que fazemos em nossos encontros é conversar, tanto por decisão metodológica, como porque é isso que professores gostam de fazer quando se encontram.

Batista, Bernardes e Menegon (2014) criticam modelos hegemônicos de fazer ciência que não legitimam a “conversa cotidiana” na pesquisa científica. Opondo-se a esses modelos, os autores argumentam que a conversa cotidiana não está pautada na objetividade que esses modelos exigem e que “não há sentido abandonar a conversa no cotidiano como método de pesquisa, até por que as conversas são protagonistas relevantes e ativas na produção de conhecimento” (idem, p. 97).

Os autores acreditam que a maneira de fazer ciência cartesiana enrijece a conversa. O que por outro lado amplia o distanciamento entre as conversas e a produção do conhecimento. Fica evidente essa crítica pelos autores quando afirmam que “a conversa, normalmente, é aprisionada e cristalizada sob a égide de um script materializado por nomes diversos: entrevista, questionário, grupo focal, testes, dinâmicas e correlatos” (p. 100). Concordamos com este posicionamento, porém não negamos o potencial de outros dispositivos ou recursos, dado que cada pesquisa tem suas próprias demandas e especificidades.

Acreditamos que trabalhar com a conversa como dispositivo de pesquisa é estar aberto a fala do e com o outro. É ter uma escuta sensível (BARBIER, 2002) e apurada do que se conversa, quem são os falantes e em qual cenário a conversa se situa. Conversar é um jogo de idas e de vindas entre negociações e buscas por significados e sentidos. Sendo, portanto, um jogo de tensões e de problematizações, do qual emergem dados genuínos, complexos e ricos para a pesquisa acadêmica.

Nesta Seção, discutimos os usos de conversas na pesquisa acadêmica. As referências que trouxemos para a discussão nos possibilitaram uma compreensão plural da conversa enquanto dispositivo de pesquisa e de formação. Partindo desses pressupostos e ampliando a discussão, optamos por trazer para esta pesquisa as conversas que aconteceram pelo aplicativo *WhatsApp*, no contexto da “Aula 3 – Escrita colaborativa”.

Cartografando a noção emergente: “conversas ubíquas”

Para cartografar e compreender as conversas das cursistas e docente-pesquisador que aconteceram pelo aplicativo *WhatsApp*, lançamos mão de dois movimentos: a) Apreensão fina e interpretação do cotidiano pesquisado e b) A tessitura teórica-metodológica

ca-epistemológica. Esses dois movimentos nos ajudaram a chegar à noção de “conversas ubíquas”, que denominamos como conversas que acontecem em diversos *espaçostempos* mediadas por dispositivos móveis conectados em rede.

Apreensão fina e interpretação do cotidiano pesquisado

Objetiva capturar narrativas e imagens que mostrem evidências, indícios, repetições, contradições, significados e sentidos que podem contribuir para a composição da noção emergente. Requer, com isso, atenção, ética, implicação do pesquisador e mergulho no cotidiano pesquisado.

Para fazer a apreensão fina e interpretação do cotidiano, partimos do “contexto de pesquisa” e da “compreensão da conversa”.

Contexto de pesquisa – conversas das cursistas e docente-pesquisador pelo aplicativo *WhatsApp*.

Compreensão da conversa – buscamos revelar as narrativas significativas que emergem das conversas entre as cursistas e o docente-pesquisador. Nesse processo, partimos do pressuposto que o pesquisador deve levar em consideração o cotidiano de cada um do(a)s participantes da pesquisa e suas histórias e experiências de vida. Por meio das conversas, é possível compreender como as cursistas e o docente-pesquisador produzem sentidos, negociam suas relações diárias e se posicionam a partir do mundo que habitam. A compreensão da conversa se desdobra em:

Organização da atividade proposta - É possível observar como as cursistas se organizaram para realizar a atividade proposta da “Aula 3 – Escrita colaborativa!”, conforme exposto a seguir:

Rita: Meninas, criei o perfil na wikispace, só o cadastro: cibernéticas – senha xxxxx

Rita: Coloquei com o nome da wiki: Grupo Cibernéticas

Rita: pode ser?

Rita: e vou procurar tutoriais para a gente aprender a usar, caso alguém já saiba, nos ensine tb!!!! é um ambiente com bastante recursos

Rita: vou pesquisar textos e imagens tb, sobre os temas das aulas

Rita: qq coisa to por aqui

Rita: bjks

Rita: já adicionei vcs, depois da uma olhada no e-mail

Rita: tutorial: <http://wikistorias.wikispaces.com/tutorial>

Rita: minha atividade é a noite, pois de dia estou cuidando de uma filhota de 6 meses e um filhão de 8 anos Alessandra: Legal o nome... eu também costumo estudar na madrugada, também tenho um filhote de 3 aninhos q não pode me ver no computador. **Alessandra:** Vou dar uma olhada no email. ...

Alessandra: Bjos! Rita : ok

Rita : bjks

Felipe Carvalho: Olá pessoal Felipe Carvalho: Qualquer ajuda eu estarei por aqui

Viviane: Obrigada!

Atravessamentos e desdobramentos de outras conversas - São as conversas que rompem com a temática em discussão e trazem outras temáticas, situações, experiências e práticas cotidianas:

Rita: minha atividade é a noite, pois de dia estou cuidando de uma filhota de 6 meses e um filhão de 8 anos

Alessandra: eu também costumo estudar na madrugada, também tenho um filhote de 3 aninhos q não pode me ver no computador. ...

As partilhas de uso - são os métodos que as cursistas usaram para realizar a atividade prática da escrita colaborativa pela plataforma *Wikispaces*:

Rita: e vou procurar tutoriais para a gente aprender a usar, caso alguém já saiba, nos ensine tb!!!! é um ambiente com bastante recursos. vou pesquisar textos e imagens tb, sobre os temas das aulas. qq coisa to por aqui. bjks (...)

Viviane: Visitei o wikispace, é tudo inglês. Ai! Nao entendo! E agora?

Alessandra: Bem, é possível usar um tradutor on line

Alessandra: Google por exemplo

Viviane: Sim. Estou fazendo isso

A tessitura teórica-metodológica-epistemológica nas conversas ubíquas

Para compreender como as conversas entre as cursistas e o docente-pesquisador pelo *WhatsApp* tencionam um diálogo ampliado em nosso pensar-fazer a ciência, optamos por dialogar com referenciais teóricos, metodológicos e epistemológicos que nos possibilitaram maior compreensão e dimensão do cotidiano pesquisado, como também as lógicas que por ali são operacionalizadas, as relações e os sentidos que são tecidos.

A compreensão da conversa se desdobra em:

O aprender contextualizado, social, política e culturalmente - É muito mais do que um trabalho cognitivo e intelectual de explicação, aprendemos com nossas experiências afetivas, pois o afetivo aprende, o social aprende, o político aprende, o cultural aprende, e, ao aprendermos, lutamos por significar, significando as nossas práticas cotidianas.

Felipe Carvalho: Vocês já escolheram o tema?

Alessandra: Pessoal, que tal um tema sobre inclusão digital... poderíamos abordar neste tema todos os assuntos apresentados na plataforma.

Alessandra: Estou pesquisando mais... daqui a pouco volto...

Felipe Carvalho: Eu tenho a introdução de um livro ótimo sobre inclusão digital

Felipe Carvalho: Vou mandar para vcs olharem

Viviane: Adorei o tema

Alessandra: Legal!!!! Só preciso da confirmação das meninas

Viviane: Ainda estou no trabalho

Alessandra: Showwww

Viviane: Em casa eu vou pesquisar mais e retorno

Alessandra: Rita, o que vc acha?

Alessandra: E Ana também?

Felipe Carvalho: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/4859>

Felipe Carvalho: Link do livro, a introdução já ajudará muito

Alessandra: Ok

Alessandra: Obrigada!

Rita : é um ótimo tema e a partir daí podemos entrar em outros

Rita : vou dar uma olhada no livro

Rita : obrigado Felipe!

Viviane: Tbm vou olhar

Narrativas do fazerpensar em formação - Concordamos com a perspectiva de Josso (2004, p. 34) de que formação é um conceito em construção, porque consiste na narração de “conhecimento e de aprendizagem a partir das experiências formadoras”. Ele nasce da capacidade e do investimento do praticante cultural em narrar sobre as coisas que faz, estabelecendo sentido ao que foi e é vivido por meio dos seus significados particulares e coletivos.

Viviane: Hoje madruguei para ver o nosso trabalho. Só assim q consigo fazer alguma coisa

Viviane: Visitei o wikispace, é tudo inglês

Viviane: Ai! Não entendo!

Viviane: E agora?

Alessandra: Eu tô trabalhando hj... graças a Deus tô podendo acessar daqui...

Viviane: Hum

Viviane: Entendeu alguma coisa?

Alessandra: Bem, é possível usar um tradutor on line

Alessandra: Google por exemplo

Felipe: Sim. Tô saindo daqui da UERJ

Felipe: E já irei ver

Rita: ok... cuidado aí!

Felipe: Aqui está maior tiroteio , Mangueira com tiros

Rita: hjh tá complicado em vários lugares

Rita: e aí já é ruim sem tiroteio

Felipe: Uhum. Eu entrei no site pelo celular

Felipe: Mas não consigo visualizar

Felipe: Quando chegar em casa vejo e te dou um retorno

Rita: ok... vou ficar por aqui até umas 2

Felipe: Assim q chegar olho. Pois irei olhar de outros grupos

Rita: ok

Felipe: Só falta agora criar a página onde o texto será feito ou colocado

Rita: já sei o que eu fiz.... Eu criei um projeto com o nome do grupo, depois formei uma equipe e depois a página

Rita: <https://grupociberneticas.wikispaces.com/-/A%20era%20da%20inclus%C3%A3o%20digital/Cibern%C3%A9ticas%20AD2/Inclus%C3%A3o+Digital>

Rita: vou simplificar esse caminho

Felipe: Isso dá para saber no ambiente

Felipe: Quem faz e quem não faz

Felipe: Mas por aqui acompanho vcs

Felipe: Fica tranquila

Rita: é pq eu posto como a criadora da wikispace, n vai aparecer meu nome...

Rita: mas de qq forma, eu vou postar na pagina inicial da wikispace

Rita: pq eu coloquei dentro de um projeto

Rita: <https://grupociberneticas.wikispaces.com/Inclus%C3%A3o+Digital>

Rita: agora sim

Felipe: Agora foi

Felipe: Vou ler aqui e depois te dou um retorno

Rita: ok

Felipe: Para revisar o texto: trocar informatização por digital, tira o mais da terceira frase; o que é o ciberespaço? Sugiro digital em rede ou então faça uma pequena explicação sobre a questão que trouxe. No segundo parágrafo, tira as vírgulas logo no início.

Felipe: Está ok

Buscar compreender o processo formativo que atravessa a docência é criar um exercício interpretativo de autoria, produção discursiva e teórica de interpretar interpretando-se, recriando, inclusive, os modos de pensar e de fazer novas educações (PRETTO, 2011).

As conversas ubíquas entre usuários e a troca de vídeos, fotos, textos e músicas podem ser feitas de qualquer lugar para qualquer lugar em tempo real, uma transformação tecida no seio da cibercultura, que é capaz de dinamizar intensamente as redes, como nos aponta Santos (2014, p. 33):

Muito mais que circular pelos espaços urbanos portando a mídia e a linguagem, circulamos agora

com a convergência de diversas mídias e linguagens, que se configuram e reconfiguram para além da dicotomia upload ou download. A tecnologia da mobilidade ubíqua não se limita apenas ao computador que se libertou do desktop e das conexões fixas para acesso ao ciberespaço. Caracteriza-se, sobretudo, pela conexão constante e ubíqua com o ciberespaço, com os espaços urbanos e interações sociais diversas com e nesses espaços.

Acreditamos que a formação na cibercultura consiste, pois, em um processo que se dá em rede e na rede, onde a interação entre os outros contextos e o modo como nessas interações incorporamos e significamos os conhecimentos e valores nos permitem atuarmos em nossas práticas.

Considerações finais

Começamos este artigo problematizando os usos dos dispositivos móveis pelos praticantes culturais e como estes têm surgido como uma busca de alternativas para a produção de outros conhecimentos e de outras práticas nas diversas redes educativas.

O que nos interessou foi a possibilidade de olhar as práticas que acontecem cotidianamente, uma aproximação, uma espécie de mergulho que nos permitiram perceber os deslocamentos desses *espaçostempos* em que as pessoas têm dinamizado a produção de enunciados sobre lugares e acontecimentos, expressando diferentes perspectivas sobre o mundo. Nas conversas pelo *WhatsApp* fatos foram retratados por diferentes perspectivas, experimentados por diversas pessoas que, em interação com os seus dispositivos móveis, vivenciam dinâmicas produziram outros conhecimentos.

Refletimos em relação aos usos das conversas do aplicativo *WhatsApp* na pesquisa acadêmica e como estes usos possibilitaram algumas contribuições para a formação. Por fim, gostaríamos de

trazer uma última problematização: defendemos uma concepção de Educação, na qual acreditamos que o conhecimento é tecido em redes de significados e relações. Nessa tessitura o conhecimento emerge no encontro, na conexão, na rede, nas conversas e “no entre”. Nessa perspectiva, interagimos não apenas uns com os outros, mas também com as coisas, com as imagens, com os textos, com os sons, com as memórias, com os dispositivos e tudo o mais que está no mundo. Assim, é claro que as novas tecnologias digitais, não apenas potencializam essas redes, mas é parte integrante delas. São constitutivas dos conhecimentos tecidos.

Assim, chegamos à noção de conversas ubíquas, que são as conversas que acontecem em diversos *espaçotempos* mediadas por dispositivos móveis conectados em rede. Isso implica ao mesmo tempo compreender os dilemas docentes, o próprio papel do professor, suas relações com os alunos, com as tecnologias digitais, estruturando a relação cidade-universidade. Como educar em nosso tempo com os usos dessas tecnologias será um dos nossos desafios. Precisaremos repensar os currículos em tempo de cibercultura e suas potencialidades comunicacionais e educativas.

Referências

ALVES, N. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 23, maio/ago. 2003.

ALVES, N. Sobre o movimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Petrópolis: DP&A, 2008.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J.G. (Coord.).

Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EdUFSCar, 1998. p. 58-78.

ARDOINO, J. **Para uma pedagogia socialista.** Brasília: Plano, 2003.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação.** Brasília: Plano, 2002.

BATISTA, Cristina Santos; BERNARDES, Jefferson; MENEGON, Vera Sônia. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. In: SPINK, Mary Jane Paris et al. (Org.). **A produção da informação na pesquisa social:** compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 97-122.

BURNHAM, Teresinha Fróes. Espaços multirreferenciais de aprendizagem: lócus de resistência à segregação cognitiva? In: BURNHAM, Teresinha Fróes e coletivo de autores. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem:** currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento. Salvador: EDUFBA, 2012.

CALVÃO, Leandro Dantas; PIMENTEL, Mariano; FUKS, Hugo. **Do email ao Facebook:** uma perspectiva evolucionista sobre os meios de conversação da internet. Rio de Janeiro: Ed. UNIRIO, 2014.

CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de Carvalho. **Atos de currículo na educação online.** 2015. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2009.

CORTEZ, Bruna. Internet móvel cresceu 59% em 2012. Observatório da Imprensa. 16/04/2013. Disponível em: < http://observatoriodaimpresa.com.br/interesse-publico/_ed742_internet_movel_cresceu_59_em_2012/>. Acesso em: nov. 2015.

EFE. Criador do WhatsApp, Jan Koum foi de imigrante pobre a multimilionário. Folha Digital, Washington, 23/02/2014. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/02/1415716-criador-do-whatsapp-jan-koum-foi-de-imigrante-pobre-a-multimilionario.shtml> >. Acesso em: nov. 2015.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MACEDO, R.S. Outras luzes: um rigor intercítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, R.S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, A. **Um rigor outro:** sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador: Edufba, 2009.

MARTINS, João Batista. Multirreferencialidade e Educação. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: Edufscar, 1998.

KINCHELOE, J. L.; McLAREN, P. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, I. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KINCHELOE, J. L. Redefinindo e interpretando o objeto de estudo. In: KINCHELOE, J.L.; BERRY, K.S. **Pesquisa em educação:** conceituando a bricolagem. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PRETTO, N. O desafio de educar na era digital. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 4, n. 1, 2011.

REDAÇÃO. Brasil lidera uso de smartphone na América Latina. Computer World. 07/01/2015. Disponível em: < <http://computerworld.com.br/telecom/2015/01/07/brasil-lidera-uso-de-smartphone-na-america-latina/>>. Acesso em: nov. 2015.

REDAÇÃO. No Brasil, 40% dos usuários se conectam por meio da Internet móvel: O uso da Internet mobile está crescendo amplamente na América Latina IDGNOW. 12 de maio de 2014. Disponível em: <<http://idgnow.com.br/mobilidade/2014/05/12/no-brasil-40-dos-usuarios-se-conectam-por-meio-da-internet-movel/>>. Acesso em: nov. 2015.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, E. **Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente**. Salvador, 2005. 351f. Tese (Doutorado em Educação) – FAGED-UFBA, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2005.

SANTOS, E. **Cibercultura: o que muda na educação**. Entrevista ao programa Salto para o Futuro. TV Brasil. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=119>. Acesso em: 6 jun. 2014.

SANTOS, E. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso, PT: Whitebooks, 2014. p.33-34.

SANTOS, R. **A tessitura do conhecimento via mídias digitais e redes sociais: itinerâncias de uma pesquisa-formação**

multirreferencial. 2011. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, R. **Formação de Formadores e Educação Superior na cibercultura**: itinerâncias de Grupos de Pesquisa no Facebook. 2015. 183f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

TOZETTO, Claudia. WhatsApp supera 1 bilhão de usuários em todo o mundo. Estadão. 01/02/2016. Disponível em: < <http://link.estadao.com.br/noticias/empresas,whatsapp-supera-1-bilhao-de-usuarios-em-todo-o-mundo,10000028532>>. Acesso em: nov. 2015.